

LEITURA, REESCRITA E ANÁLISE DO LÉXICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO EM SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

READING, REWRITING AND ANALYSIS OF THE LEXICON IN THE PROCESS OF LITERACY ON MIDDLE SCHOOL

Edson Roberto Bogas Garcia¹
Giséle Letícia Marson²
Júlio César Bombonatti³
Lilian Biork Rodrigues⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar um estudo sobre a influência da prática do letramento na composição do léxico utilizado pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, constituímos *corpora* a partir da reescrita do conto infantil João e o Pé de Feijão (2011), realizada por estudantes com idade entre 7 e 11 anos, com o fito de analisar a transformação lexical dessas crianças nesse período, estabelecendo uma comparação entre as séries. Utilizamos, como metodologia, os preceitos da Linguística de Corpus, por meio do programa WordSmith Tools 6.0. Esse *software* possibilitou obter o levantamento dos itens lexicais mais frequentes nessas produções, averiguando os *types* e o *tokens* para subsidiar nossas investigações. Pudemos verificar, dessa maneira, a importância da contribuição da leitura e da escrita na aquisição e no aprimoramento do vocabulário.

Palavras-chave: linguística. letramento. conto infantil. léxico.

Abstract

This article aims to conduct a study about the influence of practice literacy in the composition of the lexicon used by students in the early years of elementary school. For this, we established *corpora* from rewriting the fairy tale *João e o Pé de feijão* (2011), performed by students aged 7 to 11 years, with the aim of analyzing the lexical processing of these children during the period, establishing a comparison between the ages. We used, as methodology, the

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", câmpus de São José do Rio Preto. Professor de Língua Portuguesa da Unifev - Centro Universitário de Votuporanga e Supervisor de Estágio do curso de Pedagogia - CAPES/PARFOR.

² Pós-graduanda em Produção e análise de textos sob perspectivas linguísticas e literárias pela UNIFEV – Votuporanga-SP.

³ Pós-graduando em Produção e análise de textos sob perspectivas linguísticas e literárias pela UNIFEV – Votuporanga-SP.

⁴ Pós-graduando em Produção e análise de textos sob perspectivas linguísticas e literárias pela UNIFEV – Votuporanga-SP.

precepts of Corpus Linguistics through WordSmith Tools 6.0 program. This software has enabled to obtain the listing of the most frequent lexical items in these productions, ascertaining the types and tokens to support our investigations. We saw, in this way to verify the importance of the contribution of reading and writing in the acquisition and vocabulary enhancement.

Keywords: linguistics. literacy. fairy tale. lexicon.

INTRODUÇÃO

A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. (*Emília Ferreiro*).

O objetivo de nosso trabalho é discutir a questão do letramento, por meio da leitura e da produção textual de crianças entre 7 e 11 anos, tentando verificar o processo de mudança da linguagem desses estudantes, por meio da análise de unidades lexicais.

Como embasamento teórico, realizamos uma pesquisa bibliográfica na área de Alfabetização e Letramento. Por meio dela, pudemos perceber, primeiramente, que a leitura e a reescrita de contos e fábulas, além de, a princípio, incentivar a própria leitura, pelo aspecto chamativo que a fantasia contém, inspira, nas crianças, a criatividade textual.

Para tentar comprovar tal fato, em nossas atividades de sala de aula, propusemos a leitura do conto *João e o Pé de Feijão* (2011). Em seguida, solicitamos que os alunos procedessem à reescrita do texto, de forma livre, a fim de podermos analisar o léxico utilizado no desenvolvimento de suas redações.

Como metodologia, utilizamos os preceitos da Linguística de Corpus, por meio do software *WordSmith Tools 6.0*. A ferramenta nos auxiliou na elaboração dos gráficos quantitativos dos textos redigidos pelos alunos. Com eles, verificamos o uso do vocabulário desses estudantes e seu aprimoramento na evolução de sua educação formal, conforme poderá ser constatado ao longo desta pesquisa.

1. DESENVOLVIMENTO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar a formação e o desenvolvimento intelectual e linguístico nas séries iniciais do Ensino Fundamental, é primordial o trabalho com a leitura, mais precisamente com o conto de fadas. Isso se dá pelo fato de o gênero mencionado abordar temas relacionados ao cotidiano infantil, ou seja, por meio da fantasia, das situações difíceis enfrentadas pelas personagens, é possível fazer a criança relacionar a ficção com sua realidade e, assim, enfrentar barreiras e resolver seus próprios problemas.

Essas considerações ratificam o que pressupõe Brasil (1997, p. 69):

No primeiro ciclo deve-se propor aos alunos que leiam e escrevam, ainda que não o façam convencionalmente. [...]. Por ser condição para a constituição da autonomia leitora, escritora e também intelectual, o conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita precisa ser construído pelos alunos o quanto antes. Isto é, quanto mais rapidamente os alunos chegarem à escrita alfabética, mais e melhor poderão avançar na aprendizagem dos conteúdos propostos nesse ciclo.

A leitura, dessa maneira, enriquece a vida do ser humano, pois permite uma reflexão sobre valores e ideais. É vista como algo que comunica, mostra os sentimentos, emoções, as sensações, as ações e diferentes opiniões do homem diante do mundo e de sua existência nesse espaço. Conseqüentemente, o ato de ler ou de ouvir uma história é considerado uma aprendizagem, já que, assim, estimula a prática para o desenvolvimento da consciência de mundo.

Para que haja uma transformação do leitor a partir da leitura, é necessária uma interação entre sujeito que lê e o objeto, que é o livro, ou seja, o leitor precisa assimilar o que a história está tentando transmitir com o seu conhecimento de mundo. Dessa forma, será possível a participação na aventura.

Segundo Kato (2007, p. 71), “[...] a leitura não pode ser vista como um processo que extrai o sentido final do texto, este é o elemento que delimita a gama de interpretações possíveis, algumas das quais podem não ter sido planejadas pelo próprio autor”. O professor, nesse sentido, é o principal mediador nesse contato que o aluno tem com a leitura, devendo auxiliá-los e guiá-los:

É necessário, portanto, organizar situações de aprendizagem que possibilitem a discussão e reflexão sobre a escrita alfabética. Essas situações de aprendizagem devem acontecer de modo a possibilitar que o professor conheça as concepções que os alunos possuem sobre como escrever e assim possa intervir para ajudá-los a pensar sobre elas, a avançar para além delas. Para tanto, a escola precisa oferecer variados materiais impressos de leitura, que sirvam como referência e fonte de informação ao processo de aprendizagem da linguagem escrita. (BRASIL, 1997, p. 69).

Ao ouvir histórias, as crianças têm a oportunidade de acessar um novo modo de construir a linguagem, que se diferencia daquele que se usa no cotidiano. O vocabulário mais amplo e a forma de construir as orações, próprios aos textos escritos, diferenciam-se da linguagem oral, mais presente nas conversas cotidianas, propiciando novas experiências linguísticas para os pequenos.

A leitura de um texto não se vale somente do ato de decifrar códigos. É necessário ativar também o conhecimento de mundo nele presente para dar espaço à imaginação, adquirindo o conhecimento e desenvolvendo o pensamento crítico.

Kleiman (2008, p. 17) defende que:

A leitura não é apenas a análise das unidades que são percebidas para, a partir daí, chegar a uma síntese. Também a partir da síntese se procede à análise para verificar suas hipóteses, num processo em que, repetimos, tanto os dados da página como o conhecimento do leitor interagem como fontes de dados necessários à compreensão.

A partir disso, verificamos que o indivíduo não nasce nem constrói os saberes individualmente, já que eles são adquiridos com base numa vivência social e histórica. Para Orlandi (1998, p. 143): “a leitura não se realiza a partir de um vazio de saberes; a sua base efetiva é um campo de significação reconhecível, em que o novo texto se introduz para significar”.

Diante dessa proposição, o desafio da escola é o de formar pessoas desejosas de concentrar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente, tornando-as capazes de apreciar a qualidade literária.

Sobre o ensino da leitura e literatura, Brasil (1997, p. 33) refere-se como objetivo “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Assim, considera-se literatura infantil uma criação literária, sendo uma manifestação individual que está vinculada ao meio e ao momento em que surge e se caracteriza como um fenômeno de cultura destinada aos pequenos leitores.

Zilbermam (2003, p. 12) afirma que a literatura infantil visa a:

[...] encetar um diálogo com uma modalidade de produção artística por muito tempo votada ao silêncio, devido à mordaca que a sociedade, regida pela norma adulta, usou para abafar a voz da criança e de todos objetos culturais relativos ao seu mundo e às suas formas de expressão.

É certo que a literatura infantil, inclusive a infanto-juvenil, produz uma matéria literária apoiando-se na realidade imaginada, como o sonho, a fantasia, o imaginário, o desconhecido. As histórias são motivadoras, pois a fantasia criada no enredo desperta interesse das crianças, fazendo com que assimilem as mensagens dos livros, e dessa maneira possam fazer uma relação com o seu próprio cotidiano, adquirindo assim uma consciência de mundo.

De acordo com Coelho (1993, p. 53), “[...] hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. E aí está a literatura para servir de mediadora para essa tarefa”.

São considerados como algumas das modalidades de textos infantis, pertencentes à literatura infantil, capazes de prender a atenção das crianças: o conto, o conto de fadas, a fábula, a lenda, o mito, dentre outras.

O conto de fadas, mais especificamente, é muito utilizado na formação da criança, pois apresenta personagens capazes de ensinar e de preparar o indivíduo para enfrentar as dificuldades da vida real:

Explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco desse poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. (BETTELHEIM, 2004, p. 27).

A escola tem um papel decisivo na tarefa de formar leitores que possam ser beneficiados dessa formação em sua vida em sociedade. As mudanças pelas quais a leitura vem passando, com o surgimento de novas tecnologias, deveriam corresponder a mudanças pedagógicas, didáticas em processos escolares que possam acompanhar essa nova realidade linguística a fim de que se descortinem maiores possibilidades de escrita e de leitura.

Trabalhar o conto de fadas no Ensino Fundamental é uma grande proposta para que se possa dar início à formação crítica do leitor, à capacidade de fantasia infantil, assim como à sua formação literária, pois o mundo representado nele é compatível com a sua realidade.

Por isso, eles são considerados grandes contribuidores na estruturação do processo de alfabetização e de letramento. Bettelheim (2004, p. 74) diz que:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

Dependendo do conto a ser trabalhado, vários pontos têm destaque e fazem uma relação com o mundo infantil, como, por exemplo, as emoções e os sentimentos. Em “João e o Pé de feijão”, a história conta que, embora a crença na mágica possa ajudar a enfrentar o mundo por conta própria, em última análise, devemos tomar a iniciativa e nos propormos a correr os riscos envolvidos a conduzir a vida.

Se as crianças conseguem realizar esse tipo de leitura, dentre as várias possíveis, e são capazes de fazer essa reescrita, podemos dizer, então, que elas estão se tornando letradas, pois estão aptas a entender a história, fazendo uma relação com a realidade que as cercam.

Segundo Soares (2010, p.), “o letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”.

A autora ainda concebe que:

Termos despertado para o fenômeno do letramento – estarmos incorporando essa palavra ao nosso vocabulário educacional – significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2010, p. 58).

Por isso, para que se possa desenvolver um indivíduo hábil a ler e a escrever, para ser um formador de opiniões, capaz de compreender e participar do mundo que o cerca, é necessário que haja condições para que, além de ser alfabetizado, ele seja letrado, esteja em contato com materiais de formação, ou seja, de leitura e de escrita.

Com relação à produção do texto, entendemos que a reescrita é considerada uma forma de expressão, na qual o aluno, por meio dos códigos, transmite, para o papel, o desenvolvimento dos seus pensamentos vistos em uma história contada oralmente. Naquela produção, o estudante tende a usar itens lexicais diferentes dos que usa cotidianamente, pois pertencem à realidade apresentada na história.

Passamos, então, a entender que a escrita é o uso de um instrumento que, ao deixar marcas externas, cria bens culturais e o exercício de uma capacidade intelectual que dá lugar a práticas culturais – as funções sociais dos bens culturais e as atitudes individuais em relação àquela capacidade e aos seus produtos.

Teberosky e Landsmann (2008, p. 23) consideram o ato de escrever como:

Uma atividade intelectual que se realiza por meio de um artefato gráfico manual para registrar, comunicar, controlar ou influir sobre a conduta dos outros, que possibilita a produção e não só a reprodução, e que supõe tanto um efeito de distanciamento como uma intenção estética.

Quando a criança começa adquirir o conhecimento da linguagem escrita, ela não aprende somente um amontoado de palavras, mas um rico vocabulário e desenvolve sua habilidade linguística. Com a leitura e a reescrita, é possível que o aluno escreva, de próprio

punho, a história já conhecida, considerando as ideias principais do texto-fonte e algumas características da linguagem escrita, demonstrando sua competência comunicativa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ato de escrever envolve três pré-requisitos básicos: o que se escreve, como se escreve e para quem se escreve. Nessa perspectiva, durante a escrita, o aluno utiliza uma série de habilidades e referências adquiridas durante a sua vida e seu contato com a leitura e escrita. Dessa forma, todo o contato que teve com os mais variados gêneros textuais estão refletidos em sua produção.

A questão que norteou o desenvolvimento deste trabalho foi a necessidade de encontrar a variação lexical ocorrida nas produções dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de nove anos e como esse público faz uso do vocabulário que adquire ou possui ao longo de suas educação.

Assim, para o desenvolvimento deste artigo, lemos o conto *João e o Pé de Feijão* (2011) para os alunos dos segundo, terceiro, quarto e quinto anos do ensino fundamental de nove anos da E.M. “Professora Dirce de Almeida Braga Wrasek” no município de Aparecida d’Oeste, estado de São Paulo. Esses estudantes incluem-se na faixa etária dos 7 aos 11 anos. Em seguida, pedimos para que eles fizessem a reescrita do texto, de forma livre.

Concluída essa atividade, obtivemos um total de setenta e quatro textos. Contudo, estabelecemos um critério de seleção desse material, selecionando as dez melhores produções de cada turma, de acordo com o ponto de vista dos professores que atuam nessas séries para que, dessa maneira, tivéssemos uma amostragem que proporcionasse igual número de reescritas de cada sala de aula. Foram estudados, então, um total de quarenta textos diferentes.

Para a análise das produções, utilizamos o software *WordSmith Tools 6.0*. Com essa ferramenta, analisamos o texto base e as produções dos alunos, que, por sua vez, foram digitalizadas em extensão.txt (única aceita pelo programa), com as devidas correções de ortografia. No entanto, mantivemos os mecanismos de regência, de concordância, de

coerência, de pontuação e de organização para que os textos não perdessem sua originalidade e pudéssemos observar melhor a maneira como os alunos os redigiram.

Procuramos estabelecer parâmetros para comparar as reescritas. Dessa forma, observamos o número de lexias presentes e a sua variação nas redações de cada turma, observando, pontualmente, a ocorrência e a variedade na utilização de quatro classes de palavras: substantivos, verbos, adjetivos e pronomes.

Nessas produções, foi observada a ocorrência de 7.392 ULs no *corpus* (tokens). Desse total, 635 se constituíam nas lexias que não eram repetidas (types). Cada grupo de amostragem foi analisado individualmente e fizemos tabelas para que pudéssemos observar e comparar a ocorrência, variedade e utilização de determinado item lexical por cada turma, com o objetivo de averiguar e avaliar o ritmo de evolução da escrita de um ano para o outro, nos primeiros anos do ensino fundamental da instituição de ensino citada acima.

De posse desse material, verificamos as cem unidades lexicais mais utilizadas em cada *corpus* estudado. A partir disso, passamos a comparar a ocorrência, variação e repetição no uso dos substantivos, verbos, adjetivos e pronomes.

3. A UTILIZAÇÃO DO LÉXICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para uma melhor análise das mudanças lexicais ocorridas nas produções dos estudantes das séries estudadas, consideramos importante, inicialmente, utilizar o mesmo *software* para o levantamento das ULs no texto-base (original), com o intuito de averiguar a ocorrência e a variabilidade das lexias. Com isso, pudemos aferir os seguintes dados, focando as cem palavras mais recorrentes:

Tabela 1: Dados extraídos do texto-base

Dados extraídos do texto base		
Ítems Lexicais	Types	180
	Tokens	373
Substantivos	Types	24
	Tokens	74
Verbos	Types	36
	Tokens	52
Adjetivos	Types	2
	Tokens	3
Pronomes	Types	9
	Tokens	42

Em uma primeira instância, nas reescritas da amostragem das redações do segundo ano evidenciamos um total de 1.580 ULs (*tokens*) de 326 ULs *types*. Os alunos que produziram as redações às quais nos referimos estão na faixa etária dos 7 aos 8 anos. É importante esclarecer que, nesse período escolar (bem como nos anos anteriores), a tipologia narrativa é baseada na oralidade. Entretanto, a reescrita e a produção de gêneros narrativos é elemento que começa a ser focado a partir do terceiro bimestre letivo. Durante o trabalho com essa tipologia, os discentes têm muito contato com histórias em quadrinhos, fábulas e contos. Nesse sentido, a produção e reconto orais influenciam em muito no desenvolvimento desse tipo de escrita/reescrita e, além disso, as versões anteriores do mesmo texto influenciam no modo como eles utilizam o vocabulário e compõem a estrutura do texto. A tabela abaixo mostra como ficou organizada a variedade lexical em suas produções:

Tabela 2: Dados extraídos das reescritas do 2º ano

Dados extraídos das reescritas do 2º ano		
Ítems Lexicais	Types	1.580
	Tokens	326
Substantivos	Types	23
	Tokens	296
Verbos	Types	37
	Tokens	230
Adjetivos	Types	2
	Tokens	14
Pronomes	Types	6
	Tokens	118

Os alunos do terceiro ano, com os quais trabalhamos neste estudo, estão na faixa etária dos 8 aos 9 anos. Nesse período da escolaridade, a tipologia narrativa é um dos focos principais do currículo. A escrita e a reescrita de textos narrativos são muito trabalhadas durante todo o ano letivo e, inclusive, cobradas por avaliações externas, tais como o SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), aplicado todos os anos na rede estadual de educação e opcional às redes municipais e privadas.

Nesse contexto, os estudantes pesquisados têm muito contato com praticamente todos os principais gêneros narrativos: histórias em quadrinhos, fábulas, contos clássicos, populares e contemporâneos. As atividades de produção às quais são submetidos são compostas de escritas e reescritas coletivas e individuais, de um início, ou até mesmo de um desfecho de determinado texto pré-estabelecido, bem como organização e reorganização cronológica do texto previamente trabalhado. Desse modo, a reescrita que propusemos não foi algo que representasse muita dificuldade a essa turma.

Na tabela, a seguir, os dados que extraímos ao analisar a utilização do léxico feita pelos alunos do terceiro ano:

Tabela 3: Dados extraídos das reescritas do 3º ano

Dados extraídos das reescritas do 3º ano		
Ítems Lexicais	Types	1.880
	Tokens	308
Substantivos	Types	25
	Tokens	375
Verbos	Types	35
	Tokens	295
Adjetivos	Types	4
	Tokens	25
Pronomes	Types	6
	Tokens	168

Tabela 4: Dados extraídos das reescritas do 3º ano

O próximo grupo de amostragens que analisamos pertence aos alunos do quarto ano. O currículo aplicado a esses alunos também contempla, de maneira bastante ampla, a tipologia narrativa e grande parte dos gêneros textuais que a utilizam. Nessa série, os alunos trabalham com a produção de escritas e reescritas de textos. O trabalho realizado em sala de aula é revisado pelos professores que atuam com a série/ano e, desse modo, esses estudantes também estão acostumados a esse tipo de atividade.

No quarto ano, as crianças não participam de nenhuma avaliação institucional externa, porém a preocupação com o aprendizado e com a boa utilização da linguagem escrita fica evidente no planejamento curricular da série.

Abaixo, ilustramos a maneira como esses alunos utilizaram o léxico e sua variação na composição de suas reescritas:

Tabela 5: Dados extraídos das reescritas do 4º ano

Dados extraídos das reescritas do 4º ano		
Ítens Lexicais	Types	1.782
	Tokens	324
Substantivos	Types	27
	Tokens	373
Verbos	Types	28
	Tokens	233
Adjetivos	Types	4
	Tokens	25
Pronomes	Types	8
	Tokens	141

O currículo do quinto ano do ensino fundamental também explora, na linguagem oral e escrita, o trabalho com a tipologia narrativa e os gêneros que dela se apropriam. Durante todo o ano letivo, os alunos têm contato com contos, fábulas, lendas e histórias em quadrinhos, entre outros gêneros. Eles realizam diversas modalidades de leitura e, além disso, produzem e reescrevem textos. Embora a produção do gênero narrativo não seja especificamente cobrada nas avaliações externas realizadas por essa série (SARESP e PROVA BRASIL), elementos componentes dessa tipologia são avaliados em questões que abordam textos nesses gêneros, o que faz necessário ao aluno compreender o léxico recorrente nesses textos.

Para realizar a reescrita do conto *João e o Pé de Feijão* (2011), esse grupo de amostragem também não demonstrou dificuldade, até porque, já domina de maneira relativamente adequada o processo de escrita e compreende até mesmo com certa facilidade os elementos que compõem um texto narrativo.

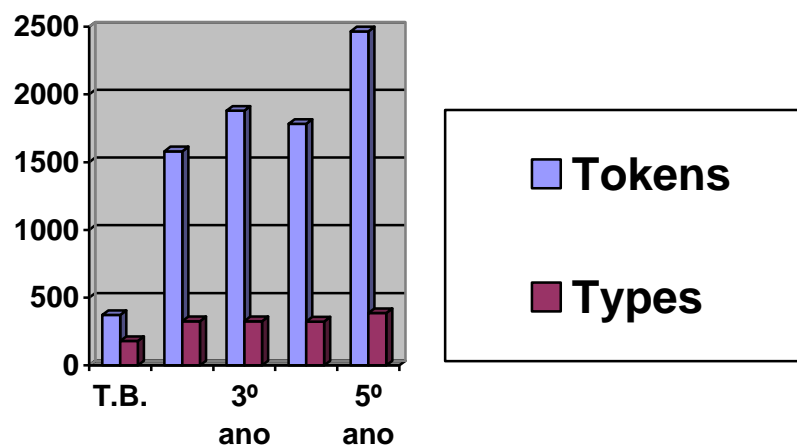
A tabela a seguir evidencia o resultado da análise que fizemos das amostras que recolhemos das reescritas dos alunos dos quintos anos nas cem palavras mais utilizadas por eles nas produções:

Tabela 6: Dados extraídos das reescritas do 5º ano

Dados extraídos das reescritas do 5º ano		
Ítems Lexicais	Types	2.465
	Tokens	386
Substantivos	Types	30
	Tokens	545
Verbos	Types	30
	Tokens	271
Adjetivos	Types	4
	Tokens	40
Pronomes	Types	9
	Tokens	218

Comparando as amostras de todos os anos iniciais do ensino fundamental de nove anos, percebemos que houve uma variação muito pequena entre o número de *types* e de *tokens* pelos alunos. Além disso, o número de variações e repetições de substantivos, verbos, adjetivos e pronomes também foi bastante parecido nos *corpora*.

Para fins de comparação, optamos por produzir alguns gráficos que representam o que constatamos ao comparar os *corpora* com o texto-base. O gráfico abaixo compara a variação de itens lexicais do segundo ao quinto ano entre si e com o texto-base:

Gráfico 1: Variação dos itens lexicais corridos e diferentes em cada *corpus* estudado.

A partir dessa comparação, pudemos constatar que os *types* utilizados pelos alunos de todos os anos foram muito superior aos utilizados pelo texto-base. Isso demonstra que em suas reescritas, as crianças utilizaram um léxico que abrange o conhecimento de outras versões do mesmo conto. Dessa forma, a assimilação das variantes de *João e o Pé de Feijão* interferiu diretamente na utilização, adequação e organização do léxico do qual os alunos fizeram uso. Com isso, é possível afirmar que a inserção do estudante de qualquer idade no universo do letramento contribui de maneira significativa na evolução de itens lexicais utilizados por eles.

Por outro lado, também pudemos constatar que a variedade de *tokens* não se alterou entre os anos escolares dos quais retiramos nossas amostragens. Com isso, também ficou evidente que, mais uma vez, a inserção da criança de qualquer idade no universo do letramento oferece subsídios para que desenvolvam, de maneira equiparada, a utilização de seu léxico. Ainda é possível afirmar que a linguagem oral é de extrema importância no desenvolvimento da linguagem escrita e que, por isso, o trabalho oral com textos narrativos e seu reconto tem alto peso para que o estudante possa se organizar durante o ato de escrever.

Além de analisar a utilização e variação geral das lexias nas reescritas das crianças investigadas, também tomamos como elas utilizavam e organizavam algumas classes gramaticais pré-determinadas pelo grupo: substantivos, verbos, adjetivos e pronomes. Os gráficos abaixo demonstram como esses itens lexicais foram utilizados:

Gráfico 2: Emprego dos substantivos entre os cem lexemas mais utilizados pelos alunos.

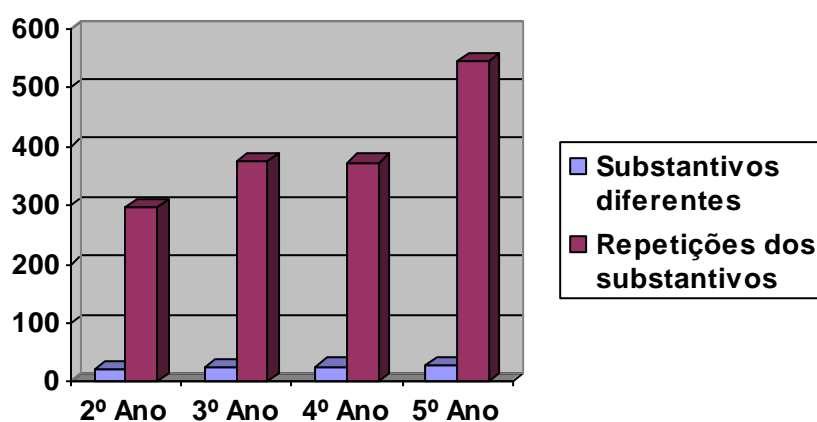


Gráfico 3: Emprego dos verbos entre os cem lexemas mais utilizados pelos alunos.

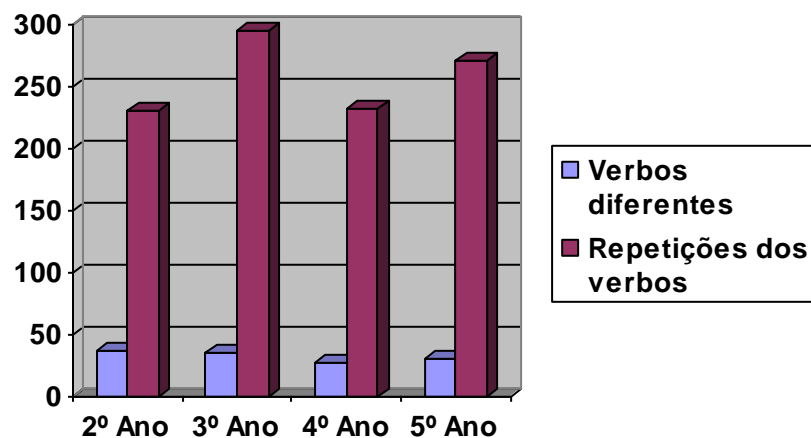
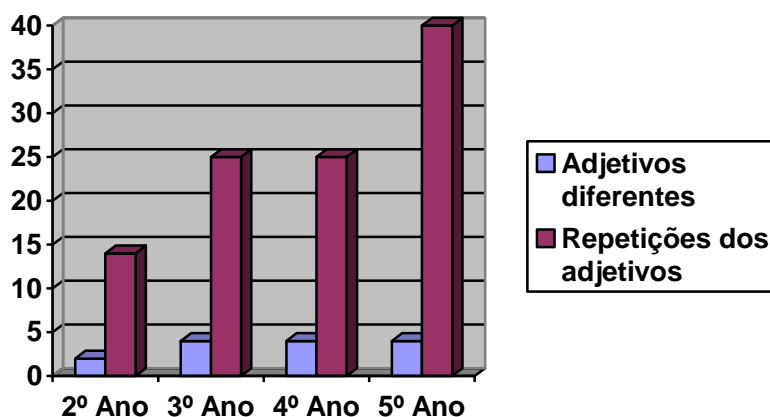
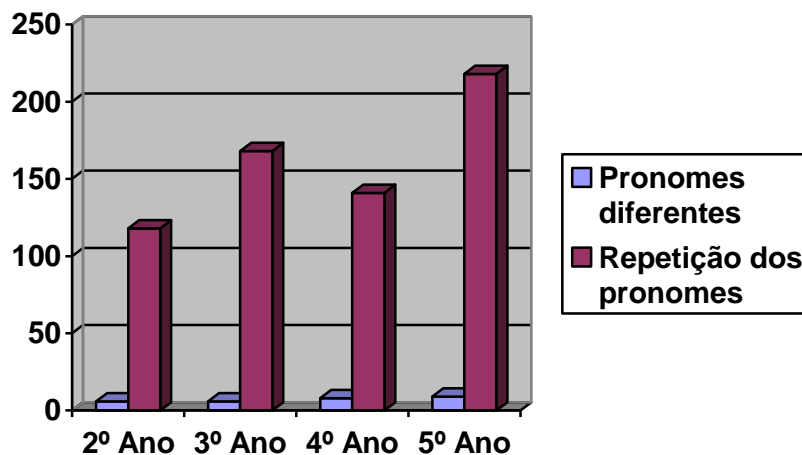


Gráfico 4: Emprego dos adjetivos entre os cem lexemas mais utilizados pelos alunos.**Gráfico 5: Emprego dos pronomes entre os cem lexemas mais utilizados pelos alunos.**

Após observar os gráficos acima, pudemos notar que a utilização e a variação das classes gramaticais também ocorreram de forma semelhante em todos os *corpora*. Percebemos que, da mesma forma que os alunos assimilam e absorvem o léxico presente nos textos lidos, a utilização das classes gramaticais também ocorre de maneira semelhante. Dessa

forma, independente da série/ano em que o estudante se encontre, a utilização das classes gramaticais segue uma ordem já pré-estabelecida.

Consideramos, dessa forma, a inserção cada vez mais precoce da criança no universo do letramento como elemento indiscutível no desenvolvimento do léxico do aluno. Quanto maior o contato com a leitura, maior será sua bagagem lexical e melhor será o uso que se faz dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa e as análises feitas, entendemos que é necessário inserir, no contexto de aprendizado da criança, os elementos que envolvem o letramento, pois, quanto mais cedo isso for feito, melhor o aluno conseguirá assimilar a leitura e o aprendizado escolar ao seu cotidiano, ao seu conhecimento de mundo, para que, enfim, possa também desenvolver e aprimorar seu léxico, com o fito de utilizá-lo adequadamente em diferentes situações de vida.

O trabalho de leitura e a reescrita, portanto, de *João e o Pé de Feijão*, foi de grande importância para o processo de letramento dos alunos que realizaram a atividade proposta, pois estimulou a imaginação e a criatividade, além de ter auxiliado na formação moral e crítica do leitor.

Assim, podemos notar que, quanto maior o contato do estudante com a leitura de variados textos e suas possíveis versões nas séries iniciais da educação formal, melhor será a utilização dos mecanismos de escrita e de utilização do léxico. Além disso, consideramos que, conseqüentemente, o uso de uma ortografia adequada, o desenvolvimento da concordância e dos mecanismos de coesão e coerência também serão influenciados por esse processo.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF, 1997.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6. ed. São Paulo, SP: Ática, 1993.

KATO, M. A. *O aprendizado da leitura*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

MARSCHALEK, R. *João e o pé de feijão*. São Paulo, SP: Todolivro, 2011.

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Versão 6. Oxford: Oxford University Press, 2012. Disponível em: <<http://www.lexically.net/wordsmith>>.

SOARES, M. *Um tema em três gêneros*. 4. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2010.

_____. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

TEBEROSKY, A.; LANDSMANN, L. T. *Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática*. 4. ed. São Paulo, SP: Ática, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo, SP: Global, 2003.